

J Para muitos, o nome JAMIE WOON pode ainda ser desconhecido. O jovem cantor e produtor de 28 anos chega

de Londres e começou a dar que falar em 2007 quando publicou o single *Wayfaring Stranger* com um *remix* do secreto e ultra-selectivo guru do *dubstep* britânico BURIAL e um *refix* de RAMADANMAN. Depois o silêncio. Seguiram-se centenas de concertos em nome próprio, munido de uma guitarra acústica, uma caixa de ritmos e a sua voz inconfundível, ou como apoio vocal a AMY WINEHOUSE (que desperdiçou de energia). Só em final de 2010, todas as atenções se viriam a focar em WOON, com a publicação de *Night Air*, o primeiro single oficial que levantava a pontinha do véu do álbum de estreia que agora chega às lojas, *Mirrorwriting*.

JAMIE WOON tem um talento especial para cravar na alma as suas canções pop mergulhadas em *Blues'n Bass* e deixá-las a marinar.

A Um álbum que demorou três anos em gravação e uma vida a escrever.

Doze canções próximas da perfeição, pintadas numa intrincada paleta de tons nocturnos, que combinam uma produção inteligente feita de batidas digitalizadas, sons fantasmagóricos feitos de indícios, fragmentos de vozes ecoadas, reverberações amplas, *clicks* e *clacks* secos como osso, como galhos que se quebram ao caminhar, gravados a partir de estalidos de mobília antiga ou pedras do riacho perto da sua casa na Cornualha. Um sistema de suporte sónico que emoldura e sustem a voz luminosa de WOON nos lugares certos.

por ligeiras pulsações electrónicas de sub-graves a assumir os batimentos do coração.

M O álbum está repleto de momentos superiores. *Night Air*, a faixa inaugural, é negra, doce e sedutora como melaço, uma combinação irresistível

da voz suave de WOON com batidas compulsivas e esquivas sob um céu carregado de nuvens. Uma ode à urgência da noite com a assinatura

inconfundível de BURIAL. *Lady Luck*, o segundo *single*, é talvez o momento mais luminoso e grandioso do disco, completo com *chorus R'n'B* sumptuosos, carga sexual irresistível e movimentos de anca incontroláveis. Mas permitam-me dizer:

Não restam dúvidas. JAMIE WOON criou um álbum de sublime sensibilidade pop, com apontamentos de Jay Kay e D'angelo em fundo, para ouvir de olhos fechados e deixar-se embalar em demoradas danças solitárias.

De tempos a tempos surgem álbuns assim. Que nos perscrutam a alma e a deixam exposta à força dos elementos. Mirrorwriting, o álbum de estreia de JAMIE WOON, tem esse poder, o de conseguir olhar para dentro de nós e reflectir o nosso lado mais íntimo no outro lado do espelho.

O ano começou agitado com os críticos e publicações de música a aderirem em massa a um jogo malicioso de quem-é-melhor-que-quem na nova arena do *pós-dubstep*. De um lado JAMES BLAKE, do outro JAMIE WOON. Dois artistas lançados nos territórios da electrónica evoluída que os THE XX entregaram de bandeja ao público *mainstream*. Mas enquanto BLAKE constrói a sua sonoridade esquelética de elementos fragmentados e desconcertantes, em ambientes dispersos que causam estranheza, o som de JAMIE WOON é todo ele controlo, intimismo e familiaridade, uma voz cheia de soul morna e assombrada que irrequieta o espírito num manto nebuloso e opaco. Mas chega de comparações.

Ele é íntimo sem ser óbvio, emocional sem ser meloso, honesto sem ser confessional, recriando atmosferas de mágoa, desilusão, saudade e arrependimento em fraseados que trazem a verdade à flor da pele.

A sedução da voz de JAMIE WOON consegue ser esmagadora. Ao ponto de a querermos isolar dos restantes ruídos electrónicos e saboreá-la com sofreguidão. Felizmente a recente paixão do cantor pelos meandros do *dubstep* leva a melhor para formar melodias de delicadeza desarmante, pontuadas

nós gostamos mais do lado negro de WOON. Em *Middle*, o sofrimento volta a posicionar-se em palco com o refrão "*I can't get enough of your love*" sob uma pesada chuva e o despertar de violinos até agora adormecidos. *Spirits* não poderia deixar de soar a gospel, virtualmente

acapella, com a voz do cantor sobreposta em várias camadas de minimalismo inquieto. Quase no final, tempo para mergulhar numa vertigem azul com *Gravity*, a rendição mais acústica e desprotegida de todo o álbum, habitada por sons expansivos em cascata, imensidão melancólica que potencia emoções sem o mínimo esforço e desafia o mais insensível dos rufiões a manter-se inquebrável.

F— Phil Sharp

WWW.JAMIEWOON.COM

T— PEDRO LIMA
www.stereobox.com

